

---

**A REVOLUÇÃO FEMINISTA FRENTE À AMEAÇA DA EVOLUÇÃO**  
The Feminist Revolution in the Threat of Evolution

Nícollas Cayann<sup>1</sup>  
Anselmo Peres Alós<sup>2</sup>

**FIRESTONE, Shulamith. A dialética do sexo. Trad. de Vera Regina Rebelo Terra. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.** <sup>3</sup>

Nascido no seio de uma sociedade patriarcal (por definição opressora e limitadora), o feminismo é um constructo teórico e revolucionário que vê a luz no século XIX. Desenvolvendo-se como conceito filosófico, social e político, o feminismo tem como estandarte a luta pela igualdade de gênero na sociedade e em todas as suas instituições:

O movimento feminista tem uma característica muito particular que deve ser tomada em consideração pelos interessados em entender sua história e seus processos: é um movimento que produz sua própria reflexão crítica, sua própria teoria. Esta coincidência entre militância e teoria é rara e deriva-se, entre outras razões, do tipo social de militante que impulsionou, pelo menos em um primeiro momento, o feminismo da segunda metade do século XX: mulheres de classe média, educadas, principalmente, nas áreas das Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise (PINTO, 2010, p. 15).

Deferidas para tarefas da casa, cozinha e o cuidado da prole, desde a primeira infância as mulheres eram criadas com foco em desenvolver habilidades domésticas e ditas “maternas”. Foi já na revolução Francesa (1789) que se viram os primeiros vislumbres, de forma abrangente, daquilo que seria o feminismo.

---

<sup>1</sup> Doutorando do PPG-Letras da UFSM.

<sup>2</sup> Docente permanente do PPG-Letras da UFSM.

<sup>3</sup> FIRESTONE, Shulamith. *The dialect of sex: the case for feminist revolution*. New York: Bantam, 1970.

Contudo, foi com o rompante da Revolução Industrial que a condição feminina mudou de maneira considerável, pois as mulheres passaram de passivas a ativas no montante econômico, sendo inclusive força de trabalho nas fábricas. No século XX as dinâmicas do feminismo ficaram mais claras no mundo ocidental e é a partir daí que se vê de forma mais evidente a mulher funcionando como agente de mudança de sua própria condição social (SOARES, 1994). Grandes nomes teóricos surgem neste período, e talvez um dos mais icônicos seja Simone de Beauvoir com o livro *Le deuxième sexe*<sup>4</sup> (1949).

Todavia, o feminismo é um movimento de proporções globais e temporalmente bastante longo visto que as dificuldades e embates que o movimento feminista enfrenta se modificam e se tangenciam em novos formatos ao decorrer da história, é comum aos teóricos a ideia de dividir os pensamentos feministas em ondas. O feminismo de primeira onda, então, é entendido quase sempre ligado à questão do voto feminino (final do século XIX); já com algumas conquistas, a segunda onda do feminismo se dá na segunda metade do século XX (inaugurada, em certo sentido, pelo livro *The Feminine Mystique*, de Betty Friedan de 1963) e é marcada por muitos protestos e reivindicações, além da forte presença da ideia de feminismo radical - outrossim, é neste período que se debatem as diferenças entre gênero e sexo; a terceira onda se dá nos anos 1990 e lida com os dilemas da pós-modernidade e as implicações da globalização nas diferentes demandas de feminismo latino-americano, negro, e outros grupos (BITTENCOURT, 2015); alguns teóricos mencionam ainda uma quarta onda. A quarta onda do feminismo, habitualmente chamada de “pós-feminismo”, é um termo surgido nos Estados Unidos nos anos 1980, na verdade se trata de “uma tentativa de estancar o avanço tanto teórico quanto político - das diferentes correntes do pensamento feminista” (ALÓS e ANDRETA, 2017, p. 18). Adeptos deste viés partem do pressuposto, errôneo, de que o feminismo já cumpriu seu papel enquanto movimento e já alcançou seus objetivos. É, na verdade, um mecanismo que busca desqualificar a luta feminista. Existe também um feminismo *avant la lettre*<sup>5</sup>, trazendo para conversa figuras femininas representativas de poder feminino, como Cleópatra, por exemplo.

De origem judia ortodoxa (em que a formação básica de língua e literatura é bastante presente) e com formação acadêmica em artes plásticas (BA em pintura pelo Instituto de Artes da Universidade de Washington - 1967), Shulamith

---

<sup>4</sup> Considerada uma autora da primeira onda do feminismo, porém uma grande impulsionadora da segunda onda, principalmente nos Estados Unidos.

<sup>5</sup> Este conjunto também pode ser definido por *protofeminismo*: “um conjunto de obras, ideias e personagens históricas que foram resgatadas pelo feminismo como precursoras, mas que não chegam a formar um corpo sistemático de textos ou um modelo teórico e coerente de pensamento” (ALÓS e ANDRETA, 2017, p. 17).

Firestone participa da inauguração da segunda onda do feminismo. Tendo como pano de fundo os trabalhos de Freud, Marx e Engels da segunda metade do século XIX, bem como o trabalho de Beauvoir, a autora move seus esforços de escrita na intenção de promover um quadro teórico para o feminismo radical, estabelecendo assim o feminismo como práxis política, como revolução.

O livro de Firestone enquadra-se nos parâmetros de um feminismo radical da segunda onda, visto que estabelece críticas pertinentes à ideia de classe sexual, que é central na segunda onda do feminismo. Este conceito estabelece os homens como seres pertencentes a uma classe hierárquica que se mantém à custa da exploração da classe das mulheres. A ideia de classe sexual estabelece diálogo direto com a definição de *política sexual*, conceito cunhado por Kate Millet (1969). O conceito é definido como um mecanismo que possibilita ao sexo dominante o controle sobre o outro sexo (este tipo de ferramenta é pensada em um mundo de oposições binárias, é claro). O livro *The dialect of sex: the case for feminist revolution*, é um compêndio de dez capítulos publicado no começo dos anos 1970, no qual Firestone defende a abolição da família nuclear em favor de unidades comunitárias. Para a autora, retirar quase que totalmente a mulher de sua “função biológica” é o mecanismo mais eficaz para uma sociedade mais justa, igualitária e feminista. A autora entende que os processos de opressão política, econômica e social aos quais as mulheres estão subordinadas são todos instaurados e mantidos através da instituição da família nuclear burguesa e heterossexual, tais amarras hierárquicas são “destrutivas e caras à psique individual” (FIRESTONE, 1976, p. 87).

Além disso, a autora acredita que a natureza biológica desfavorece o feminino em algumas espécies e uma delas é a humana. Para Firestone, a evolução dos mamíferos superiores não corre ao lado das demandas do feminismo e é por isso que apenas uma revolução com implicações estruturais poderia subverter as dinâmicas implementadas na sociedade patriarcal. Isto é: a humanidade deve transcender a natureza (FIRESTONE, 1976). Os objetivos feministas nunca serão alcançados através dos pressupostos evolucionistas; é necessário então lutar contra essas estruturas de opressão impostas pela natureza que recebem manutenção dos homens continuamente. Visto que a desigualdade fundadora da causa está também relacionada a fatores da natureza, um dos principais caminhos a seguir seria o total controle da fertilidade humana, ao ponto que a própria desigualdade fundamental se tornasse obsoleta e a distinção sexual se apagasse. A autora salienta que o atributo de mãe é um pressuposto que se aproveita de fatores biológicos para se manter estabelecido, e diz: “o núcleo de opressão das mulheres são seus papéis de reprodutora e educadora das crianças” (FIRESTONE, 1976, p. 87).

Dentre diversas afirmações polêmicas - e até hoje de difícil popularização -, como, por exemplo, a defesa de práticas vistas como incestuosas<sup>6</sup> ou a desqualificação<sup>7</sup> dos termos *heterossexual*, *homossexual* e *bissexual* (e outros tantos apontamentos tidos como radicais), a autora ataca diretamente as oposições binárias que, por tradição, são marcadas por gênero. Entretanto, há alguns argumentos de extrema coerência. Em uma das páginas iniciais do livro, logo no primeiro capítulo, Firestone faz uma observação que ecoa (ou assim deveria) até hoje: “as feministas têm de questionar não só toda a cultura ocidental, como a própria organização da cultura, e mais, até a própria organização da natureza” (FIRESTONE, 1970, p. 12). Esta afirmação resume um pouco o tom do livro.

Antropólogos, sociólogos, historiadores, diferentes estudiosos, em diferentes campos de estudo têm, sucessivamente, questionado o termo *cultura*. A organização, a forma como é transmitida, a forma como é catalogada, a forma como é ensinada, ou como é aprendida: todas as instâncias que acontecem ao redor da ideia de cultura são debatidas. No período atual, estas questões estão cada vez mais em voga e é curioso que um livro tão distante da globalização massiva já apontasse para estes detalhes, mas muitos outros autores também debatem as dinâmicas da cultura muito antes dos anos 1990. Por outro lado, embora o ser humano desafie cotidianamente os limites da natureza, seja através de tecnologia ou apenas ousadia, o fato de questionar os atributos biológicos é em si só uma proposta extremamente revolucionária e, mesmo datando dos anos 1970, absurdamente atual. Tratar de fatores psíquicos e biológicos de modo que isso confronte as ideias de gênero e sexo tendo como ponto de partida uma revolução que problematiza as dinâmicas do corpo e de seus atributos “naturais” é uma pauta recorrente em pelo menos alguns movimentos de peso da contemporaneidade.

Mesmo que muito da escrita de Firestone, naquilo que diz respeito ao livro em questão, seja de fato radical, é inegável que uma boa parte dos palpites e intenções da autora são hoje parte não só do movimento feminista como também de outras estruturas coletivas, pois questionar a organização da cultura é talvez um dos maiores atributos pós-modernos. A autora marcou a história não apenas questionando fatores biológicos, culturais e sociais, mas também transcendendo o movimento e a teoria feminista e sendo um nome importante naquilo que tange

---

<sup>6</sup> É importante salientar que Firestone não faz defesa de ideias incestuosas, contudo, uma vez que a diferença costumeira entre os sexos é negada e diluída em novos parâmetros, inevitavelmente, ataca-se a ideia tradicional de família e parentesco. A instituição família passa a vigorar em um sistema que não identifica seus membros por laços sanguíneos (ou de registro). A autora sugere que: “para eliminar o tabu do incesto, teríamos que eliminar a família e a sexualidade, como elas são hoje estruturadas” (FIRESTONE, 1976, p. 71)

<sup>7</sup> A autora na verdade faz uma crítica à lógica heteronormativa. Partindo da desqualificação da economia do desejo por um viés heterocompulsório, os mecanismos desta economia passam então a operar através de um novo prisma.

modificar amos. Colocando em cheque o mérito do mito da infância e também o da feminilidade, o livro é uma leitura indispensável para entender os fatores radicais da segunda onda do feminismo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALÓS, Anselmo Peres e ANDRETA, Bárbara Loureiro. Crítica literária feminista: revisitando as origens. *Fragmentum*, n. 49, Santa Maria, 2017, p. 15-31. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/26594>>. Acesso em: 26 de agosto de 2018.

BEAUVOIR, Simone. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

FIRESTONE, Shulamith. *The dialect of sex: the case for feminist revolution*. New York: bantam, 1970.

MILLET, Kate. *Sexual politics*. New York: Doubleday, 1969.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de sociologia e política*, v. 18, n. 36, Curitiba, 2010, p. 15-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

SOARES, Vera. Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências. *Revista Estudos feministas*, n. 2, Rio de Janeiro, 1994, p. 11-24. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16089>>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

BITTENCOURT, Naiara Andreoli. Movimentos Feministas. *InSURgências*, v. 1, n. 1, Brasília, 2015, p. 199-210. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/16758>>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

Data de recebimento: 27 set. 2018

Data de aprovação: 10 maio 2019